

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte: CB
Data: 24/9/95 Pg 1 e 24
Class: 227

Índio terá rede de 84 estações de rádio na Amazônia

Página 24

SIVAM DOS POBRES

ONG instala rede de rádio para índios

Ronaldo Brasiense
Da equipe do Correio

Os índios da Calha Norte do Brasil, na fronteira com Colômbia, Venezuela e Peru, já detêm um poder de comunicação comparável ao das Forças Armadas numa das mais inóspitas regiões do país.

Financiada pela União Européia, a organização não-governamental Amigos da Terra Internacional está implantando 84 emissoras de rádio em aldeias indígenas e reservas extrativistas em toda a Amazônia.

O poder de comunicação dos povos da floresta (índios, ribeirinhos, seringueiros, etc.), quando o Projeto Rádio Amazônia estiver concluído, atingirá uma área de 1,2 milhão de quilômetros quadrados, 15% do território nacional.

Invasões — O projeto, orçado em US\$ 1 milhão, vem possibilitando aos índios e ribeirinhos denunciar as invasões de suas reservas por garimpeiros e madeireiros e pedir ajuda da Polícia Federal e da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Uma estação central foi criada em Manaus, ficando sob o controle da Coordenação dos Povos Indígenas do Brasil (Coiab), que mantém interligações com as emissoras espalhadas pelo estado.

Índios tucanos, baniwas e curipacos do Alto Rio Negro e os ticunas

do Alto Solimões (AM) vêm utilizando as rádios, instaladas com autorização do Dentel (Departamento de Telecomunicações) em missões de patrulhamento da fronteira.

Condição — “O nosso Sivam dos Pobres custou até agora menos de 1% do orçamento do Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia — rede de radares que o governo pretende implantar) e não levou um centavo do governo brasileiro”, conta o ambientalista Roberto Smeraldi, diretor para a América Latina dos Amigos da Terra.

Coincidência ou não, a ONG vem implantando as estações de rádio em municípios e distritos na fronteira onde as Forças Armadas, desde

1985, vêm militarizando a fronteira com o Projeto Calha Norte.

No Alto Rio Negro, da região conhecida como “Cabeça do Cachorro”, os Amigos da Terra já instalaram emissoras de rádio em várias regiões onde a comunicação era quase uma exclusividade dos militares.

“Nada a ver com a internacionalização da Amazônia”, garante Roberto Smeraldi. “A capacidade de as comunidades se comunicarem, controlarem o território e responderem a emergências é pré-condição para se alcançar o desenvolvimento sustentável na Amazônia”, conclui.

Divulgação



As rádios são usadas pelos índios para fazer denúncias e pedir ajuda



Sistema já cobre região do Calha Norte

Enquanto o Sivam patina em fraudes e denúncias de irregularidades, seu similar indígena e dos povos da floresta, bancado por uma ONG internacional, vai de vento em popa.

Além de já ter garantido as emissoras de rádio na área do Projeto Calha Norte, no Alto Rio Negro, e na problemática fronteira com a Colômbia, no Alto Solimões, com 31 estações para os índios ticuna, o projeto está em expansão.

Cinco outras estações já estão em funcionamento em reservas extrativistas no Amazonas. No Amapá, há quatro estações montadas nas reser-

vas extrativistas Cajari e Maracá e quatro outras emissoras funcionam em Rondônia, no Vale do Guaporé.

Planos — Os planos de expansão da ONG Amigos da Terra prevêm também a implantação de quatro estações no Mato Grosso e 11 estações no Acre, a partir de dezembro.

No Amazonas, há estações de rádio em São Gabriel da Cachoeira, Assunção do Içana, Taracúá, Pari-Cachoeira, Cucuí, Cubaté e Iauaretê.

Em toda a região, o Sivam — que tem R\$ 250 milhões incluídos no orçamento da União para 1996 —, conseguiu implantar um único ra-

dar, em São Gabriel da Cachoeira, algo insignificante para controlar o tráfico de aviões de contrabandistas na região.

Idealizado há dez anos pelo general Rubem Bayma Denys, ministro-chefe do Gabinete Militar no governo José Sarney, o Projeto Calha Norte acabou sendo tocado quase que exclusivamente pelos ministérios militares.

Denúncia — Denunciado por entidades como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e por ONGs internacionais como “genocida” e “antiíndio”, o Calha Norte nunca contou com a participação dos ou-

tros ministérios.

Com fartos investimentos militares numa primeira fase, o Exército conseguiu implantar pelotões de fronteira em áreas antes desguarnecidas Como Querari, São Joaquim e Assunção do Içana.

O Exército também construiu uma base militar, com um pelotão especial de fronteira, dentro da reserva indígena ianomâmi, em Roraima, na fronteira com a Venezuela.

Isso, porém, não impediu que milhares de garimpeiros invadissem a reserva indígena e também o território venezuelano, criando constantes atritos na fronteira. (RB)